COIMBRA, TYP. DE M. C. DA SILVA.

4
6
3034

QUADROS HISTORICOS DAS TRES ULTIMAS DYNASTIAS

I

A TOMADA DE CEUTA

COIMBRA, TYP. DE M. C. DA SILVA.

QUADROS HISTORICOS

DAS

TRES ULTIMAS DYNASTIAS

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA

I

A TOMADA DE CEUTA

COIMBRA
TYPOGRAPHIA DE M. C. DA SILVA
1878

AO

EXCELLENTISSIMO SENHOR DOUTOR

MANUEL AUGUSTO SOUSA PIRES DE LIMA

VIGARIO GERAL DO BISPADO DE AVEIRO,

MESTRE ESCHOLA DA SÉ METROPOLITANA DE EVORA,

DEPUTADO DA NAÇÃO,

ETC.

O.

em signal de gratidão

O Auctor.

Excellentissimo Senhor

É Vossa Excellencia um dos homens que conhecem meus esforços de ha mais de vinte annos por conquistar alguma instrucção. Tenho trabalhado bastante e envelhecido na lida. Não sei se de proveito me tem sido tanto lidar: sei, sim, que foi Vossa Excellencia quem no anno de 1869 me julgou apto para mais do que para o inglorio mister, que me destinára uma sorte descaroavel e avêssa.

Hoje, desalentado, sinto-me sem vontade de mais estudos, sem estimulos ennervadores. Vou conhecendo que de pouco ou nada presta a instrucção na epocha em que vivemos.

Criam-se pingues empregos para homens, na phrase de um nosso pensador, e não se procuram os homens para os empregos. Isto não digo eu por mim, que pouco valho e para pouco sirvo, mas pelo que por ahi vai!

Felizmente, porém, não são estas ideias as do homem que ha pouco ergueu na tribuna legislativa portugueza um brado energico em favor dos mal remunerados mestres de Instrucção primaria, como quem conhece a fundo que sem aquella instrucção falta de base será qualquer outra; não são estas doutrinas as do antigo e talentoso Lente da Universidade de Coimbra, amigo do estudo e dos estudiosos.

Estes Quadros Historicos, *que não primarão nem pela novidade nem pelo estylo, serão talvez o meu ultimo trabalho litterario.*

Acceite-os pois, Vossa Excellencia ao ignorado auctor, que, como o Tantalo mythologico, almeja pelo fim do seu desterro em Evora, sem jámais o tocar, como se lhe antolha, mas que é lembrado amigo e se assigna

De Vossa Excellencia

creado e muito respeitador

Evora, outubro de 1877.

Antonio Francisco Barata.

COIMBRA, TYP. DE M. C. DA SILVA.

D. JOÃO I

QUADROS HISTORICOS

DAS

TRES ULTIMAS DYNASTIAS

A TOMADA DE CEUTA

I

Dias de lucto e dôr entristeciam Lisboa e o reino. E não era o vasio da saudade de um rei que morrêra a causa da tristeza que se estampava nos rostos dos bons e leaes portuguezes, nascidos com a primeira dynastia, endurecidos nas fragoas da guerra santa contra o crescente em nome da cruz, se bem que enervados pela ultima vergontea do tronco affonsino

«que fez fraca a forte gente.

Era que o lucto do reino, ermo de monarcha, pousava renitente nas almas como de crepes cobrira as quinas do pendão de Ourique. Um indefinido cuidado, que outra cousa não era se não o temor da perda do pequeno reino conquistado a poder de heroicidade aos mussulmanos, trazia cabisbaixos os homens fortes, os guerreiros denodados da combatente dynastia de

Affonso I, que podiam perder os foros de homens livres quando as garras do leão de Castella lhes dilacerassem a bandeira nacional, e a ponta da espada de seus guerreiros apagasse o nome de Portugal dos mappas da Peninsula.

Mas esse temor da perda do pequeno reino podia cambiar-se na fagueira esperança de bem consolidada independencia; que a ninguem era dado soerguer a mais breve dobra do manto escuro dos futuros destinos de Portugal.

O que sabiam os homens de então era que haviam libertado o solo da patria, naturalmente comprehendida entre os rios Minho e Guadiana, delimitando-a a nascente nas lindes divisorias de Hespanha. O mar lhe marcava a ponente as raias além das quaes, contra esse golfão ignorado, Deus sabia que variedade de climas, de povos, de animaes, de plantas, de constellações haveria!

Mas, historiemos, que rescendem aromas de muito gostar estas memorias da patria, que ainda é nossa.

O inconstante e formoso D. Fernando, ultimo representante legitimo da estirpe cavalleirosa de Borgonha, deixára da mulher de João Lourenço da Cunha, que tambem fôra sua, uma unica filha legitima, Beatriz, casada com D. João I, rei de Castella. Da herança paterna a despojára o consorcio na Hespanha. Leonor Telles, a viuva de um marido, a esposa de outro, a amante de um terceiro sustinha o sceptro caído e derribado pela mão da morte, se não era o braço de João Fernandes Andeiro, castelhano de origem e, mais que muito, de nação.

Nuvens negras toldavam o ceu da liberdade portugueza e da independencia da patria.

Tal como o bramir longinquo da tormenta, sussurrava na capital do reino o descontentamento popular. Para Castella propendia com seus votos a nobreza do reino em maior numero. Os filhos de Ignez de Castro, irmãos do morto rei, arrojára-os para Hespanha a má vontade da incontinente Leonor, assassino de sua esposa um d'elles, desgostoso o outro.

D. Fernando não deixára successor. Um principe havia, porém, filho natural de Pedro I e de Thereza Lourenço, adstricto á milicia de Aviz pelo voto, mas á causa da independencia nacional pelo sangue e pelo coração de brioso portuguez. João havia nome o principe bastardo. E bemquisto era elle do povo esforçado, assim como do clero, e não menos de grande parte da nobreza do reino.

Defensor do reino se disse o Mestre de Aviz, esse principe bastardo, filho de Pedro I.

Mas nos paços das Alcaçovas e nos de apar da sé de Lisboa reinava a rainha D. Leonor Telles, se com ella não partilhava o mando supremo esse conde de Ourem, e se o sceptro dos Affonsos não era sustido da prostituição infamante. . . como o povo acreditava.

A' campa rasa de madeira na egreja de Santa Cruz de Coimbra baixára, após trabalhada vida de combates, rescendendo aromas de sanctidade o primeiro Affonso: a esposa do rei *Lavrador* por santa era já adorada do povo, que frescas em sua saudade eram as lembranças de milagres e de virtudes immarcessiveis. Assim era que o povo portuguez de maos olhos via maculado o throno de seus monarchas em que já havia martyres como Sancho II, heroes como o primeiro e quarto Affonsos e o esposo clandestino da formosa immortalisada por Camões

«que depois de ser morta foi rainha.

De feição era o lance para o Mestre de Aviz ser bem querido dos tres estados do reino. Forçoso sería para isso salpicar o seu brial de cavalleiro nas espadanas de sangue do assassinado João Fernandes Andeiro, que sem vida lhe cairia aos pés ou nos braços da regia amante.

Costumam os republicos estatuir maximas: de que os meios são optimos sempre que ao desejado fim conduzir possam. O filho natural de D. Pedro I, que mais tarde salvaria Portugal

da escravidão castelhana com o esforço de seu braço e animo alevantado, assassinou a golpes de seu bulhão o valido estimado da viuva rainha.

Contrastando com a primeira dynastia, que findára exanime, após longos annos de prelios ensanguentados, a segunda, baptisada em sangue desaffecto, prenunciava dias de invejavel gloria, não de todo limpos de sanguinosas nuvens, e sem embargo do truculento desastre de Alcacer Quibir, que em seus arcanos o destino guardava para a heroicidade portugueza.

Acinte e mui adrede quizera o Mestre experimentar o affecto que na capital do reino teria a sua causa, que era a d'elle, e assim foi que espalhar fizera a nova de sua prisão nos regios paços, quando por matar Andeiro alli entrára.

No tumultuar do arvoroto popular em sua prol viu D. João, Mestre de Aviz, desabar violento o bispo de Lisboa D. Jorge de Almeida e os seus, das elevadas torres e sineiras da sé, e palpou os animos portuguezes, que para logo o elegeram e confirmaram *Defensor do reino*.

Mas a guerra ateára seus fachos, abertas nos batentes as portas do templo de Jano.

Já se haviam ferido combates contra castelhanos; já mandobres do montante de Nuno Alvares Pereira e golpes da espada do Mestre de Aviz tinham prostrado e ceifado larga messe de vidas inimigas de nossa independencia.

Era isso, porém, como ensaiar de victorias; que maior e mais assignalado feito d'armas sería a coroa d'aquellas heroicas façanhas em terras de Aljubarrota.

Com D. João I de Castella passára por Coimbra um exercito de trinta mil homens. Deixára alli a assolação por presidio, e uma cauda de horrores por essas compridas doze leguas até Leiria!

A pouco mais de legua d'aquella pequena cidade, andada Azoia e no sitio de S. Jorge, um punhado de Portuguezes, apertados entre uns riachos, em palco estreito para a grande tragedia apos-

taram defender o passo ao intruso monarcha, que demandava a capital do reino.

De dez mil combatentes, a muito contar, era o pequeno exercito, se tal nome lhes cabe em marcia linguagem. De tres contra um dizem historias certas ser a proporção dos lidadores! N'aquellas Thermopilas morreriam dez mil homens, ou amparando o choque tremendo da onda inimiga a levariam de rondão até aos extremos arraiaes, desordenada e vencida, perecendo com a patria ou vivendo com ella e para ella.

Quiz o Deus de Affonso Henriques que o lusitano Leonidas alli não exhalasse o derradeiro alento. E, gloria a nossos maiores! que sobrelevando vantagem á Grecia não tinhamos um só Leonidas na pequena hoste: o Mestre de Aviz e Nuno Alvares Pereira valiam individualmente o heroe das Thermopilas, se os da *Alla dos namorados* o não eram todos!

O anjo da victoria, baixando sobre a pequena hoste, tomára o estandarte das quinas da mão do regio alferes, dera o grito de Sant'Iago aos nossos, e, n'um és não és, restavam do formidando exercito mortos sem conto, despojos immensos, a derrota e uma victoria!

Andava então o anno do Senhor de mil e trezentos e oitenta e seis. A coroa dos reis portuguezes já tinha uma fronte em que brilhasse, o sceptro vencedor da mourisma um braço para o suster, e Portugal iniciada nova dynastia de bem auspiciada, gloriosa e larga existencia.

II

Nos regios paços de S. Martinho [1] praticavam um dia, no anno do Senhor de mil e quatrocentos e doze, tres infantes filhos de D. João I e de sua esposa a mui virtuosa e honrada senhora D. Philippa de Lencastre: eram elles Duarte, Pedro e Henrique. E pratica de nobres assumptos era ella; que d'aquelles briosos peitos, abertos e francos á mocidade com suas aspirações de gloria, com seus estos de heroicidade, não provada ainda, com seu amor a tudo quanto seduz a mancebos, al não podia ser a conversação, al não podia ser a pratica de uns dos mais esmerados filhos d'este Portugal, que foi tanto como Sparta na pureza, como Grecia no valor, como Roma na grandeza, com que abarcou a dois mundos nos braços de gigante, que foi.

— Vão-se-me os olhos por essas aguas do Tejo mar em fóra! Que eu não possa voar como a garça branca por esses ares para conhecer a vastidão d'estas aguas que o Senhor Deus ahi tem em perpetuo movimento! Irmãos Duarte e Pedro, quereis saber um sonho que tive? dissera o infante D. Henrique.

— Falae, falae, que muito nos aprazerão sonhos vossos. Tão alheado pareceis sempre que bem podemos chamar ao vosso viver um continuado sonho, dissera D. Pedro, o irmão segundo genito.

— Depois que el-Rei nosso padre e senhor treguas assentou com Hespanha, em verdade vos digo, que vida ociosa deverá ser a nossa. Imigos não hemos para combater, que já na Africa adusta demora a mourisma e nos seus estados Castella bellicosa. Filhos do mestre d'Aviz valoroso devemos mostrar ao mundo que d'elle somos filhos.

— Devemos, certamente; mas, o vosso sonho? Narrae, Henrique, o sonho que houvestes, dissera D. Pedro.

— Sonhei que vira um dia a gloria cercada da auréola da immortalidade. Afigurou-se-me haver surgido aquella deslumbrante imagem de um nimbo do nosso patrio Tejo, erguer-se magestosa e solemne em serena ascensão sobre as alturas das torres da cathedral, e, fendendo o espaço, tomar depois a direcção das africanas terras. Embevecido 'naquelle encanto, extactivo 'naquella seducção, attrahido d'essa imagem senti que me arrastava empós ella uma força occulta: preso a um seu raio luminoso fui seguindo-a descuidado e alegre. Sobre as arêas d'Africa conheci que parára o meu enlevo, librando-se algum tempo nos ares.

Na terra distinguiam-se uns pontos negros movediços e ouvia-se vagamente o echo de musicas tristes.[2] Os pontos negros moveram-se, caminharam um contra outro, confundiram-se em maior volume, que ora se alargava, ora se contrahia, ora se me antolhava diminuir de grandeza. Depois... depois nada mais vi. A imagem que era o meu encanto, desfizera-se em vaporsinho luminoso; o raio que me prendia aquella imagem partira-se de subito, e eu cahi abruptamente em uma terra nova desconhecida, verdadeiro eden terreal de nossas crenças. Bastos arvoredos ensombravam rios enormes, repintalgados apenas de algumas resteas do sol. Nas margens mil aves formosissimas saltita-

vam canoras na folhagem. Sobre a terra serpeavam cobras enormes, e macacos grandissimos, e animaes de mil especies retouçavam alegres. Um povo bronzeado de tez, de costumes diversos e diversas linguagens habitava aquella vastissima e encantadora região. Uberrimo o solo, o ar temperado, uma primavera eterna era tão encantadora terra, tão feiticeiro paraiso.

Acordei depois em estremecimento grande sobre o leito, dissipado o meu sonho seductor no espalhar pelos ares d'aquella imagem querida.

— Sonhos assim tenho eu sonhado, redarguio o infante D. Duarte, o herdeiro do throno; mas ai! queridos irmãos, a imagem da gloria dos meus sonhos não tem o brilho fascinador da dos vossos: é opáca e sem luz propria como a lua que nos alumêa as noites escuras, espalhando-se calma e silenciosa nas aguas do nosso Tejo.

— Similhantes são os meus, accudiu o infante D. Pedro. A imagem que vejo 'nelles sobraça sempre um manto escuro: a clamyde recamada d'ouro e pedrarias tem manchas singulares de avermelhado parecer...

— Conversação de amores quiçá occupe os meus jovens principes, dissera 'naquelle comenos a voz de alguem que nos aposentos entrava.

— De gloria lembrae antes por acertar, que não são amores para discussão de tres, embora irmãos, respondera D. Henrique. Falavamos de sonhos de gloria que havemos tido, João Affonso; falavamos de um vago anhelar que nos traz cuidadosos e crentes sem nenhum saber bem em quê. Explicae o que isto seja, veador d'el-rei D. João I, continuava o infante D. Henrique.

— Quereis que vol-o diga, illustres filhos d'el-rei? Direi, sim, em falas breves, de que dianteira na vida vos levo eu algumas decadas, e de experiencia sei que anceio é o vosso: Qualquer de vós, nobres mancebos, ora que sua alteza já tem assentadas pazes com Castella, deseja purificar seu animo em um baptismo de valor, combatendo os inimigos da cruz além dos mares, como

soiam fazel-o vossos gloriosos antepassados 'neste solo, que é nosso após sanguentos combates desde Coimbra até Silves, no extremo occidente. A parte realisavel do sonho, que houvestes, é uma expedição por mar sobre as terras mahometanas além do Estreito, no qual os galeões portuguezes serão ponte fortissima entre Calpe e Abyla para a união de Africa a Portugal, á Europa. Chimera chamo eu á segunda parte do sonho, que no mundo não ha região como a encantada de vossos sonhos e delirios.

— Uma expedição! Onde os navios para ella? Onde os homens? Onde as armas? João Affonso, tal como eu sonhava dormindo o fazeis vós acordado, dissera D. Duarte.

— Não me cumpre contrariar-vos, real mancebo; guardae, porém, em segredo a minha lembrança, e vós, senhores, té que eu fale no caso a el-rei vosso padre.

— Sim, falae, falaremos todos, que não se me antolha de tão impossivel realisação a ideia de João Affonso. Já ahi nos deixou alguns navios nosso tio, que santa gloria haja, iniciando de tal guiza o que nós poderemos e deveremos continuar. Vede argivos e latinos como se fizeram grandes pós de se arriscarem ás aventurosas descobertas no mar. O mar! Será elle que no vasto seio conterá a segunda parte do meu sonho? Quiçá seja assim, dissera o Infante D. Henrique, radiante de fé viva.

E estes filhos mais velhos de D. João I, em companhia de João Affonso, veador de seu pae, buscaram ao monarcha e propozeram-lhe a tomada de Ceuta, como o primeiro passo dado sobre os mares para o caminho da India e para o da immortalidade de seus nomes.

III

Com o anno de mil quatrocentos e quinze entrára para Portugal o começo de nova era de glorias nacionaes. A monarchia, que definhára no ultimo reinado, alentada por D. João I, e por seus filhos, e por Nuno Alvares e por tantos, ia prestes attingir o fastigio de imperecedora gloria, como o assumira Carthago antes de Zama, Grecia, de Cheronea, Roma antes de Cumas.

O pendão que nos campos de Ourique conduzira as hostes do primeiro Affonso á victoria contra o Islamismo em breve tremularia sobre os mares; prestes imporia nas terras d'Africa o dominio portuguez, desfraldado pelo simoum de seus desertos, ou pela brisa de seus mares.

Como as aguias novas, emplumadas já, esvoaçam pipitantes de vida no seu ninho materno, ensaiando de antemão audazes vôos após seus paes na vastidão dos ares, os filhos do Mestre

de Aviz e rei de Portugal ensaiam no ninho seu paterno audacissimos vôos por esses mares *nunca de antes navegados,* anceiam como ellas pelo momento de se abalançarem á vida de emprezas grandes, empolgando para o Christianismo á religião de Mafamede as cidades, os reinos, os mares que os banham.

Assim foi que D. Henrique, o sonhador de mundos novos, o vidente do caminho das terras da aurora, costeando a breve terra, que herdámos e ampliámos, e entrando a bocca do Tejo, trazia do Porto, da Beira, do norte do reino, berço que o embalára infante, uma esquadra de vinte naus, em que tremulava sua divisa: *talent de bien faire* entre coroas de carrasco, com fortes capitães e bravos soldados, que prestes corriam ao chamamento de gloria, gloria que todos anteviam, que todos esperavam, sem conhecer o campo em que ceifariam os louros para suas frontes immortaes. Moços e velhos, guerreiros de Aljubarrota e dos Atoleiros accorrem ao chamamento, vestem armaduras, empunham espadas e lanças e rejuvenescem com ellas!

— Para descanço é vossa edade avançada, guerreiro do Mestre de Aviz, dizia no Porto ao nonagenario Ayres Gonçalves de Figueiredo o infante D. Henrique.

— Bem longe de mim tal pensamento, respondêra o velho. Em quanto o vital calor me aquecer os membros, emquanto eu forças houver seguirei a toda a parte a el-rei meu senhor.

E assim falára o esforçado Figueiredo, que não sabia para que projecto guerreiro se offerecia a D. Henrique com escudeiros e infantes numerosos!

Era que D. João I e os do seu conselho haviam jurado em Torres Vedras a guarda do sigillo da heroica empreza, a que o amor da religião e da patria e o affecto a seus filhos o persuadiram.

Na Extremadura levanta gente para a expedição o infante D. Pedro, de maguado recordar; Algarve e Oudiana obedecem a sua voz, correm pressurosos a seu chamamento os fortes transtaganos.

Entre Douro e Minho appellida os povos para a guerra santa o Duque de Barcellos, e superintende nas aguas do Tejo a boa ordem da frota o infante D. Duarte.

Ferve o reino em enthusiasmo guerreiro: acabam-se as naus de maior pujança nos estaleiros principaes; nos secundarios reina a actividade. De estranhas terras manda el-rei vir a Portugal galeões de alto bordo: tudo é azafama nos arsenaes, tudo alegria nos corações, mysterio é para todos o fim de tantos aprestos.

De França voam ao chamamento de gloria alguns fidalgos aventureiros: da Allemanha outros seguem seus passos, e de Inglaterra aporta a Lisboa o gentil homem Monido, ou Mondo, com navios bem esquipados de viveres e chusmados de combatentes. [3]

Era de ver como a ampla bacia do Tejo dava a lembrar os ancoradouros de Tyro, e Sidon, e Carthago, e Veneza nos antigos e modernos tempos senhoras do Mediterraneo até ás columnas de Hercules!

Mas, pestilencia grande grassava no reino e na capital. Nem preces de monges, nem plegarias do povo, nem mesinhas dos physicos lhe oppunham antemuraes. O reino a carecer de seus filhos e a peste a arrastal-os sem vida na flor d'ella ao tumulo prematuro! Quando a patria se empobrecia de braços, para a guerra chamava el-rei aquelles a quem o mal não attingira! Dir-se-hia que a peste e a guerra se haviam apostado extinguir Portugal.

Entretanto se apresta a maior frota que vira o Tejo em suas aguas. Galhardetes e flamulas ondeiam nos mastros das náus e galeões em volta das signas dos infantes, dos balsões dos nobres e do pendão de S. Vicente.

El-rei vae dar o signal para sarpar ancoras e demandar os mares. Rufam atambores, retinem trombetas, o momento é proximo. 'Nisto cae sobre Lisboa de improviso, como se fôra presagio de grandes males, uma nova tristissima. A rainha D. Philippa succumbira em Sacavem aos golpes da peste.

Era então o dia dezoito de Julho de mil quatrocentos e quinze. Transmutam-se as alegrias da expedição em tristezas de orfandade, arreiam-se galhardetes e flamulas, as signas e o os balsões, cobrem-se de burel branco os filhos de el-rei e os nobres cortezãos, a expedição suspende-se, ou annulla-se.

Pomposas exequias no dia seguinte tributam o derradeiro preito á rainha de Portugal.

Em Alhos Vedros estava el-rei D. João I. Das praias do Rastello seguia Tejo acima pela calada d'alta noite a galé dos infantes, e no sabbado, vinte do mez, conferenciavam com el-rei seus filhos sobre a grande expedição. — Voltae ao Rastello, meus filhos, dizia o monarcha, buscae os do vosso conselho e vinde dizer-me que parecer é o d'elles.

Triumphára o partido da expedição. El-rei desce o Tejo na galé do conde de Barcellos, entra na capitaina real, manda levar ancoras do sitio de Santa Catharina, e no dia vinte e cinco deixa a armada aquelle pouso, em que estivera surta, e vae ancorar á foz do Tejo defronte do Rastello, onde mais tarde a piedade de D. Manuel fundára a magestosa casa dos Jeronymos, livro dos nossos feitos aberto em pedra, onde cada lavor é uma estrophe sublime do grande poema das portuguezas glorias.

Esplende o dia vinte e seis de Julho. As margens do Tejo, as collinas propinquas offerecem espectaculo formoso. Milhares de pessoas cobrem o solo attrahidas de perto e longe pela saída da grande frota. Na tolda da nau real scena de religiosa devoção se patenteia: el-rei, de joelhos, sem capacete na cabeça exora ao Deus dos combates que propicios lhe sejam os mares e os fados adversos, e nas praias coalhadas de gente milhares e milhares de mãos erguidas para o ceu imploram graças e bençãos para a armada portugueza.[1] El-rei levanta-se e com elle os que o cercavam.

— Martim Paes, que Deus attenda tuas orações e meus rogos, e bemfade a empreza em honra sua.

A um signal de D. João I começam de sarpar ancoras mais de duzentos navios. Espectaculo deslumbrante offerece então a foz do Tejo! Como um bando de alcyones volitando contentes sobre as aguas, mais de duzentos navios desfraldam vellas e bandeiras a um terrenho de feição. Musicas a bordo, alegrias e esperanças: de terra o alarido de mil adeuses, o arruido de mil suspeitas e o echo de — Boa viagem — cruzam no ar com os sons de mil trombetas e clarins. A armada vae surdindo a barra e vogando ao largo por aproar ao sul nas pandas asas de nordeste fresco. [5]

— E que ninguem saiba para onde voga el-rei! dizia uma voz.

— Vae sobre Napoles e Sicilia, respondia um petintal já velho e tropego.

— Nada é: vae para a Palestina, onde el-rei quer cumprir um voto que fizera em Aljubarrota, visitando Jerusalem e combatendo seus possessores, respondia outro.

— Nemja isso! acudia uma velha matrona; o senhor rei vae contra o antipapa de Avinhão, que Deus não o quer por seu representante na terra.

— Quão mal avisados estaes, boa gente, dizia um velhote de conta, grave e serio: El-rei vae contra Hollanda, á qual declarou guerra.

— Era má que tal fosse! Hollanda não fica para o sul, redarguiu o ententido petintal.

— Entrementes que taes conjecturas se faziam em terra, a frota cortava o mar para o sul. Eram-lhe favoraveis os ventos, e no dia vinte e sete dobrava o cabo de S. Vicente e surgia em Lagos, onde el-rei pojava. Alli prégara frei João de Xira a bulla da cruzada contra os mouros, e daquelle porto surdia tres dias depois a grande armada demandando o Estreito.

Calmaram os ventos e el-rei fôra constrangido a permanecer em Faro até ao dia sete de Agosto. Antes do anoitecer do dia nove avistaram os da esquadra a costa africana, além do Estreito, e perto do meio dia do seguinte ancorava toda ella em Aljeciras.

Sobre Ceuta já navega el-rei de Portugal; mas os ventos de ponente sopram travessões e arrojam para levante até Malaga grande parte da frota, apenas permittindo ancoragem nas aguas da cubiçada Ceuta aos pequenos navios e galeras.

Ceuta! emporio poderoso da mauritania, d'onde sobre a Hespanha christã e godo-romana sairam frotas numerosas de conquistadores; cidade opulenta de mesquitas, de palacios, de estabelecimentos industriaes e scientificos, recostada entre teus sete montes como sultana favorita por mil encantos; metropole do commercio de grande parte da culta Europa, onde Inglaterra, e França, e Veneza e todo o Oriente, das columnas a dentro, vinha trazer seus productos em escambo de teus preciosos tecidos, tens de defronte de ti um inimigo poderoso! Em tuas aguas se pavonea o pendão da cruz irreconciliavel inimigo do crescente do teu Propheta! Tem cautela com os seus guerreiros, que se no mais alto de teus muros se arvora o estandarte das quinas, ai de tua liberdade, padrasto do Islam!

Chegou a vez de medires a pujança do braço lusitano em tuas proprias terras, Marrocos avassaladora das Hespanhas! A prole dos homens fortes, que te arrojaram do Algarve no extremo occidente da Peninsula, ora te vêm por vez primeira pedir contas de longa data, e se defronta comtigo, ó Ceuta poderosa!

A voz de um velho dos teus prophetisa-te o captiveiro: teus dias são contados: defende-te heroica, e lega ao menos á posteridade, se houveres de succumbir na lucta, o valor de teus guerreiros d'outr'ora, dos conquistadores da Hespanha, ó Ceuta opulentissima! [6]

E tu, velho Çala-ben-Çala, descendente guerreiro de reis da Hespanha mussulmana, e governador de Ceuta, se não tens forças para arrostar o valor portuguez no ataque d'esses muros, salva-te ao menos com honra, busca o deserto, e que Allah seja comtigo!

Reune a dispersa frota; mas, novo temporal dá sobre ella e a obriga a se afastar das aguas de Ceuta em demanda de Aljeciras. Alli se dividem os votos.

— Adverso nos é o mar; voltemos ao reino! alguns diziam.
— Não é, respondiam outros. Ao mar! A Ceuta!

Era o dia vinte de Agosto. El-rei, de quem dependia o seguimento ou a desistencia da empresa, mandára remar para Ceuta, lançando os ultimos dados sobre a sorte d'aquella praça. Apontára nos horisontes da manhã a estrella d'alva do dia vinte e um de Agosto e logo a serena claridade precursora de avermelhado rubor. Despontára o sol brilhante mas ardentissimo, vindo bater de chapa na armada portugueza, surta em linha para o desembarque, d'onde armas bem assacaladas chispavam raios reflectos do sol nascente, como se já fôra o recochete contra os mouros da primeira arma, que nos jogára o africano clima. Resoam trombetas, rufam tambores, el-rei dera ordem ao infante D. Henrique para o desembarque, e ordenára que o seguisse seu irmão D. Duarte. Ninguem mais poderia desembarcar sem que D. João I visitasse a esquadra toda. No plano de ataque deveriam os nossos apoderar-se das alturas de Almina. De approximada legua em comprido é o solo d'esta ilha ligada a Ceuta por uma ponta de terra. Alli deveria desembarcar o infante D. Henrique com os seus homens de armas, por deliberação d'el-rei, antecedentemente tomada em Lisboa.[7]

O sol dardejava já seus raios ardentissimos quando o Infante e os seus das naus e galeras começaram de saltar nas lanchas e a vogar para a praia, coberta de mouros armados para lhe vedar o desembarque.

Era de ver a faina dos remadores christãos por attingir a praia sem demora, e a algazara dos mouros redemoinhando em terra e vociferando chascos e offensas aos nossos! Já da lancha de João Fogaça, veador do conde de Barcellos, era lançada á praia uma prancha, e Ruy Gonçalves, perto d'elle, põe pé em terra correndo por outra, seguido dos seus; este pela prancha, aquelle, saltando da lancha na praia, aquell'outro mettido nas aguas, que a impaciencia d'estes guerreiros por combater não consentia estereis delongas. Alem mais, por dividir aos ousados

mouros, que nos molestavam com um chuveiro de setas e azagaias, o infante D. Henrique, o denodado filho de el-rei, attingia o solo arenoso com poucos dos seus. Já são em terra João Fogaça e Ruy Gonçalves, já se precipítam sobre a chusma impetuosos, qual brandindo a lança, qual a espada, qual a bésta e acha d'armas. Por entre a multidão passam os nossos ceifando vidas a um lado e outro, abrindo assim passagem ao Infante e aos seus, e aos que, uns após outros, iam desembarcando ainda.

A lucta é travada terrivel na direcção de Almina, para onde os nossos convergem. De repente, defronta-se Ruy Gonçalves com um mouro extraordinario de fórmas, gigante em forças, medonho no aspeito e prostra-o ás lançadas.

A mourisma, ao ver cambalear e cahir aquelle dos seus, confunde-se um pouco, torvelinha desordenada, cede um tanto. Recrudesce nos nossos o alento, dão mais rijo nos mouros, accommettem precipites. Os mouros retrocedem.

A este tempo desembarca o infante D. Duarte, corre ao irmão, com os poucos que trazia, encorpora-se-lhe a poder de lucta tenacissima, e, pouco depois, as alturas de Almina estavam em poder dos nossos e Ceuta mortalmente ferida no coração!

Os dois irmãos, com trezentos homens portuguezes, após breve contrariedade de pareceres, deliberam não esperar alli a el-rei, com o mais grosso do exercito, mas carregar de novo sobre os mouros amontoados á porta de Almina, antes que elles, reunindo maiores forças, os fossem accommetter no terreno conquistado. Trombetas e tambores restrugem os ares, e o infante D. Henrique, bradando por S. Jorge e por Sant'Iago, rompe sobre a multidão com seos soldados.

Se na historia não houvesse exemplo de trezentos guerreiros prostrarem a milhares, por seu esforço sobrehumano, como os trezentos spartanos nos arraiaes de Xerxes, os nossos trezentos dariam ao mundo esse exemplo famoso.

Á frente da turba dos mouros, um combatente de extraordinaria estatura, de negra tez, cabellos crespos, compridos e bran-

cos dentes, labios grossos como se fôra ethiope, armado de uma funda e totalmente nú pretendia oppor um dique ao avançar dos christãos! Vasco Martins de Albergaria vacilla um instante assombrado de tamanho vulto, ao tempo em que o mouro lhe despede á cabeça a terrivel pedra da funda gigantesca.

A pedra parte rechinando, bate na viseira a Vasco Martins com tanta força que lhe faz dar um gyro ao bacinete em torno da cabeça, mas não o prostra! Apenas o contunde no rosto. De repente, Vasco Martins, estimulado da offensa, envida seu alento 'num supremo esforço, corre ao gigante, que novo tiro rodeava já, crava-lhe o peito com a forte lança e prostra o poderoso adversario!

Com tal impeto bem ordenado fôra o accommetimento que os mouros, depois de encarniçada lucta e defensa, se atemorisaram, e recuaram, demandando em tropel a porta de Almina, a qual, na perturbação, não poderam fechar aos christãos, que os acutilavam de perto. Das muralhas choviam armas de arremêço, que muito incommodariam aos nossos, se após Vasco Martins, o primeiro que entrou em Ceuta, não se precipitassem pela porta na cidade os trezentos ou quatrocentos combatentes da cruz.

Era entrada a grande cidade! Mas, que de prodigios de valor não seria mister obrar ainda para vencer multidões immensas de mouros, que combatiam desesperados por Allah, pelos lares paternos, pela familia e fazenda em perigo imminente?

Nas estreitas ruas, coalhadas de mouros, era preciso aos nossos ir abrindo passagem á ponta de espada e lança sobre montões de cadaveres, que atraz ficavam! Em breve ganhára o infante D. Henrique a rua direita, após uma altura, e logo outra e outra parte da cidade, e o herdeiro do throno attingira o mais alto ponto da cidade, denominado *Cesto*.

E a lucta cada vez mais renhida e sanguinosa, e os mouros a desembocarem aos centos de cada rua em busca dos nossos, e D. João I, de cota vestida, arnez nas pernas e uma barreta na cabeça no seu bergantim a percorrer a frota socegadamente!

O que sería de vós, valentes infantes, esforçadissimos cavalleiros, se vos não fôra propicia a sorte? Coragem! Ceuta é vossa. El-rei ao notar a confusão á porta de Almina ordenára, finalmente, o desembarque de todos com a mór pressa, receiando que a melhor fosse aos mouros. El-rei é comvosco! [8]

D. João I chegára á porta oriental da cidade, e ordenára a entrada e o accommettimento d'ella por todos os pontos accessiveis.

Instantanea se estende a lucta a todos os angulos da grande cidade.

Em cada rua uma defensa e um ataque, em cada praça uma batalha e uma victoria!

Espectaculo imponentemente terrivel! Os gritos d'accommetter; os gemidos dos moribundos; trombetas a resoar; o tinir de espadas em alfanges e agomias; ruas inteiras e praças alastradas de mortos, e a onda triumphante a passar, a passar e a vencer, quadro era pasmoso de contemplar!

Aqui uma façanha, acolá um prodigio de valor, além um assombro! Rotrocedem os nossos em desordem ante multidão maior, e um só homem, ó maravilha de humano valor! o infante D. Henrique atravessa por entre os profugos e faz sosinho frente a centos de mouros, e sustem-nos a golpes de montante, e restabelece a ordem e dá valor aos nossos, que o conheceram na passagem e logo voltaram a lhe dar apoio e mortes á mourisma!

Horas depois Ceuta era tomada aos mouros; era concluido o primeiro canto da sublime epopeia de heroicidade naval dos portuguezes, era, finalmente, chumbado aos mouros de Ceuta o primeiro elo da extensa cadeia de conquistas ao longo d'Africa, que deveria terminar no paraiso da India presa por elo de ouro ás portas de Calecut! [9]

Faltava apenas render graças ao Deos dos exercitos. No domingo seguinte, na grande mesquita de Ceuta, sagrada ao culto christão, dobravam ao romper do dia dois sinos, que os mouros da cidade de Faro nos haviam levado, convidando os nossos a ir ao Templo dar graças ao Creador por tamanha mercê.

Ao resoar de mil trombetas e de outros bellicos instrumentos, já para a mesquita se encaminham el-rei e seus filhos e os esforçados cavalleiros da famosa entrepresa. Ouvida missa e sermão, e um solemne *Te Deum* bem contraponteado por toda a cleresia da armada, D. João I de Portugal terminava a empresa da tomada de Ceuta por aquella manifestação solemnissima do triumpho e victoria do christianismo sobre o Islam; accrescentava a seus titulos o de senhor de Cepta; armava cavalleiros a seus distinctissimos filhos, cingindo-lhes as espadas que á beira do tumulo lhes dera a mãe; conferia o mesmo grau a muitos esforçados fidalgos e havia indicado a todos o caminho de maior gloria ao longo de Africa e na vastidão dos mares, ainda virgens de quilhas e sondas! [10]

FIM DO 1.º QUADRO

NOTAS

[1] Paços de S. Martinho.

Por este nome eram designados os paços reaes, onde hoje está o Limoeiro. Tambem foi designado aquelle edificio por *palacio da moeda,* e depois que D. João I 'nelle assassinou ao conde de Ourem e 'nelle viveram mais tarde seus filhos, se chamou *paços dos Infantes.*

No reinado de D. Manoel foram estes paços convertidos em *casa da supplicação* e cadeia civil.

Portugal ant. e mod. tom 4.º
pag. 123 e 124.

[2] ... com escudeiros e infantes numerosos!

«E sẽdo asim no Porto metédo a fardagem de gerra e gẽte em sua frota, veo hũ Fidalguo velho por nome Aires Gõçalvez Figueiredo, e seria de novẽta anos, bem desposto e com boa cõtenemça, e com hũa cota de malha

vestida, e com muitos Escudeiros mui bem cõcertados, que parecia homem de mui pouca idade em seu bom coraçam. O Ymfamte quamdo o vêo começou de se ryr, e lhe dixe: *Homem de tãtos anos devêra tomar repouso de tamtos trabalhos.* Dixe o Cavaleiro: *Se os membros por rezão da idade emfraquecerão, a vontade nom he agora menos que nos outros trabalhos que eu levei com vosso padre; e por certo eu nom podera haver mais hõrradas emxequias pera minha sepultura, que amte de meus dias serem findos em aqueste feito;* e com estas palavras se meteo na frota. E pelo mesmo modo dous Escudeiros Baonezes, que servirão nas gerras de Castela, estes erão muito velhos, e mui esprementados na gerra, a quem o Ymfãte avia por escuzos e que nom tinha armas; e eles diserão, que armas tinhão com que se servirão a El Rei seu pai, que aimda as tinhão guardadas; e asim tinhão mui boas temças d'El Rei seu padre que milhor o servirião na gerra que nom nas logeas frias do Porto; e que sua mercê o veria ao diãte suas obras mais que palavras; e o Ymfamte os deixou emtrar na frota, visto suas vomtades.»

Paginas 212 da *chronica* d'Acenheiro
nos Ined. da Academia, t. V.

[3] «.... alguns aventureiros.

«Hũ Duque d'Alemanha cõ sua gẽte que veo, e por lhe nom dizerem aomde avia dir esta frota, e porque lhe nom diseraõ se tornou pera sua terra. O Barão d'Alemanha fiquou com corenta Escudeiros Fidalgos, gẽtishomens que bem o fiseraõ nadita yda. Assim ficaram tres Fidalgos de França; a saber Arredẽtaõ e Peri Batalhe e Gibotalheu, mui bõs cavaleiros que o mui bem fizeraõ. Tambem foi nesta frota hum rico sidadão d'Ymglaterra, que chamavaõ Monido com sinquo naos e muitos archeiros.»

Acenheiro, *chron.* nos Ineditos
da Academia, pag. 218.

[4] «... mãos erguidas para o céo.

... Quidam ad littora concurrere, et manus ad cœlum tendentes, a Deo por suis victoriam exposcebant.»

Matheus de Pisano, *De Bello septensi* nos Ineditos de Historia etc., pag. 39.

[5] «A armada vae surdindo.

O numero de fidalgos que foram na expedição é superior a cem, e diz Acenheiro:

«Os que hião de Portugal, e de fora sam os seguintes:

Rei Dom João, Ymfãte Dom Duarte, Ymfãte Dom Pedro, Ymfãte Dom Amrrique, o Cõde de Barcellos, Mestre de Christo Dom Lopo de Souza, Prior do Crato Dom Frei Alvaro Gõsalvez Camelo, o Cõdestabre, Dom Lançarote Almirãte, o Marichal, Gõçalo Vaz Coutinho, Dom Pedro Alferez de Dom Fernamdo de Bargãça, Dom Affonço de Cascais, Dom João de Castro, Dom Fernaõdo seu irmão, Dom Alvaro Pirez de Castro, Dom Pedro seu filho, Dom João de Loronha, Dom Emrrique seu irmão, Martim Affomsso de Melo Garda Mor, João Freire d'Amdrade, Lopo Alvarez de Moura, Affonso Furtado de Mẽdõça Capitão, João Gomez da Sillva Alferez d'El Rei, Gil Vaz da Cunha, Dom Gomez da Silva, Gomçalo Anes de Souza, Pedro Louremço de Tavora, Alvaro Nogueira, João Alvarez Pereira, João Rodriguez de Sá, Martim Vaz da Cunha, Affõso Vaz de Souza, João Lourẽço, João Affomso de Santarem, Nuno Martimz da Silveira, Aires Gomçallvez de Figueiredo, Gomçalo Nunez Barreto, Alvaro Mẽdez Silveira, Mẽdo Affõso seu irmão, Dom Lopo de Souza, Gõçalo Anes d'Abreu, Gõçalo Gomez d'Azevedo Alcaide Mor d'Alemquer, João Memdez de Vascomcelos, Rui de Souza, Nuno Vaz de Castel Brãco, Lopo Vasques, Pedro Vasques, Gil Vasques, Pedro Rodriguez, João Soares, Rodrigo Fernãdez Coutinho, Alvaro Pereira, sobrinho do Comdestabre (aquele cujos filhos tiverão carreguo da criação d'El Rei Dom Affomso, ao diãte se dirá) Gomez Martims de Lemos, João Affomso de Brito, Diogo Alvarez Mestre Sala, Luiz Alvarez Cabral, Fernão d'Alvarez seu filho, o Doutor Martim Dosem, Diogo Fernãdez d'Almeida, Diogo Soarez d'Albergaria, Alvaro da Cunha, Allvaro Fernãdez Mascarenhas, João Affõso d'Alamquer, Gõçalo Pereira de Bouzela, Rui Vaz seu irmão, Gomçalo Pereira das Armas, Lopo Dias d'Azevedo, Martim Lopez d'Azevedo, Fernão Lopez d'Azevedo, João Soarez (estes irmãos de Nuno Vaz) Rui Gomez d'Alva, Garcia Moniz, Pai Rodriguez d'Araujo, João Fogasa, Vasco Martimz de Carvalho, Fernão Vasques de Siqueira, Fernão Gomçalvez d'Arca, Estevão Soares de Melo, Mem Rudriguez de Refois, Vasco Martimz d'Alvergaria, João Vaz d'Almada, Pedro Vasques, Alvaro Vaz e seus filhos, Allvaro Gonçalvez d'Ataide Governador do Ymfamte Dom Pedro, Vasco Fernamdez d'Ataide Guarda do Ymfãte Dom Amrrique, Pedro Gomçalvez Malafaia, Luiz Gõçalvez seu irmão, João Rodriguez Taborda, Pedro Gomçalvez de Cerutelo, João de Taide, João Pereira, Pedro Pexoto, João Pexoto, Bembem de Barbuda, Pedro Anes Lobato, Rui Vasquez Ribeiro, Diogo Lopez Lobo, Alvaro Anes de Sernache, Alvaro Ferreira que depois foi Bispo

de Coimbra, Gomez Ferreira, todos estes Senhores Fidalgos erão capitãis de gemte muita ou pouqua.»

Paginas 216 da *chronica* de Acenheiro nos Ineditos, etc. t. V.

D'aquelles guerreiros existem em Evora, onde escrevo estas linhas, a campa de um, e uma memoria de outro.

Na capella do *Senhor Morto* da Sé, defronte da casa capitular existe o tumulo de Vasco Martins de Mello. Está embebido na parede apenas com escaça porção de fóra: é de marmore e apoia-se em dois leões. Tem este epitaphio em gothico quadrado:

ANIVERSAIRO POR V.CO MIZ DE MELO

Na collecção epigraphico-archeologica no jardim de Evora existe esta inscripçaõ, relativa a outro d'aquelles cavalleiros. Em gothico monachal se lê assim:

ESTA: CAPELA: MANDOU: FAZER
FERNAN: GONCALUIZ: DARCA
SCUDEIRO: E COMECOUA: HE
ACABOUA: FRANCISCO DÕIZ
MEESTRE: DOBRAS: DE: PEDR
ARIA: HE: FOI ACABADA: ERA
DE: MIIL: HE: CCCC: E: XVI: ANOS.

Esta pedra tem ao lado um escudo com as armas dos *Arcos* como as descreve Villasboas Sampaio:

«*O escudo esquartelado, ao primeiro de ouro uma faxa vermelha. O segundo enxequetado do primeiro e segundo, de tres peças em faxa: assi os contrarios: tymbre hũ galgo preto, que se pinta do elmo, com hũa coleira empequetada de ouro, e vermelho.*»

Fôra esta pedra de uma capella do demolido convento de S. Domingos.

6 «A voz de um velho dos teus...

Estando Afôço Furtado, Capitão, no chafariz dos cavalos de Cepta, hum Mouro muito velho de bem cem annos lhe perguntou de donde era, e elle dixe: *de Portugal:* Dixe o Mouro: *Bem o sei que és Portugues; mas donde?* dixe: *De Lisboa:* repricou o Mouro: *Que bem hajas, cristão, que me digas verdade do que te perguntar;* que Rei reina agora em Portugal? dixe: *El*

Rei Dom Pedro: que era pae deste Rei Dom Joam porque este vira Affonso Furtado em vida dElRei Dom Pedro ymdo lá com seu pae moço; e o mouro dixe: *Que filhos tem?* Dixe Affonso Furtado: *O Imfãte D. Fernãodo, e Dom João e Dom Denis, e nom mais;* e o Mouro dixe: *dize a verdade?* e elle dixe: *tem outro menino bastardo, que delle nom fazem conta:* dixe o Mouro: *Ese he o que ade dar de beber ao seu cavalo neste chafariz,* e tomar esta cidade de Cepta; e elle e a sua geração hão de destruir a Ceita de Mafamede: e ysto dixe o Mouro com grande chouro.»

Acenheiro, *chron.* nos Ineditos
da Academia, t. V., pag. 206.

[7] deliberação d'elrei... tomada em Lisboa.

É interessante a scena havida em Lisboa na volta de Ceuta do Prior do Crato, Alvaro Gonçalves Camello, e Affonso Furtado:

«... El Rey então perguntou novamente ao Prior algumas circumstancias tocantes á descripção da cidade e elle lhe disse: *que não podia responder-lhe sem que primeiro lhe troxessem quatro cousas, que erão duas cargas de area, huma pessa de fita, meyo alqueire de favas, e huma escudella.*

A cujas palavras El Rei se rio, e disse para os Infantes: *Temos aqui o outro com as suas profecias,* e voltando-se para elle, lhe mandou com mais severidade, que lhe respondesse a proposito ao que lhe perguntava: *Senhor, tornou elle, eu não costumo zombar, e muito menos comvosco; mandai-me trazer o que pesso; e vos darey resposta cabal ao que me perguntaes* . . . . . .

. . . .

El Rey vendo então que a algum fim que elle não percebia se destinava tão repetida instancia, ordenou que se lhe desse tudo o que havia pedido, e elle fechando-se em uma casa com aquellas cousas todas, formou de area o monte, em que está situada a cidade que fundou sobre ella da mesma sorte que era, cingindo-a em lugar de muralhas, com a fita e sinalando-lhe, e destinguindo-lhe as torres e casas como tambem as ruas com as favas, de modo que chegou a fazer huma tal demonstração com esta planta da Praça que por ella veio El Rei no cabal conhecimento do que queria saber.»

Silva, *Memorias* etc., T. III,
pag. 1413 e 1414.

[8] Elrei é comvosco!...

O descontentamento dos guerreiros que estavam abordo, por não poderem desembarcar foi grande, como grande fôra o erro de D. João I em tanto

demorar o desembarque. Se não fôra o grandissimo valor dos infantes D. Henrique e D. Duarte e dos seus homens d'armas; se a investida dos mouros tem sido mais energica e melhormente ordenada, os trezentos portuguezes poderiam ser victimas do seu poder enorme, e D. João I contemplaria da tolda da nau capitaina a triplice hecatomba d'aquelles heroes. No inopinado do assalto a Ceuta; no simulado ataque a diversos pontos da cidade; na desprevenida guarnição, fôra tal o panico dos mouros que até aberta deixaram aos christãos a porta d'Almina! O chronista diz assim:

«Nom era pequena a trigança, que tinham todos aquelles que estavam para sahir em terra & saber que enveja, & cubiça, nom eram mui longe da mayor parte d'elles, porque os fidalguos e gentishomẽs desejavam de ser na companhia dos que entraram primeiro na cidade, aos quaes parecia q̃. o agradecimento daquellas cousas, em que elles mais trabalhassẽ, todo seria nenũm pois que nõ foram naquella dianteira, e a elles nom contavam nenhuma cousa por grande senom aquella entrada que os primeiros fizeram na cidade, & os populares auiam grande tristeza por a cubiça das riquezas que pẽsauam, que os outros tinhan, & diziam em suas vontades que todo seu trabalho fora despezo em vam, porque elles auiam de ficar sem parte de tamanhas riquezas, como criam que auia 'naquella cidade, *Amigos deziam elles, foram lá muito em boa hora os q̃. vieram em companhia do infante D. Enrique na frota do Porto, que toda fama & proueito desta demanda fica com elles, em pero assi trabalhamos nos, & despendemos como cada hum, e elles apanharam o ouro, & prata & toda a outra riqueza, & nos chegaremos ao esbulho dos almadraques velhos & doutras cousas de semelhante valia.*»

Azurara, *chronica,* pag. 217.

[9] Presa por elo de ouro ás portas de Calecut.

«... Ceuta fut le premier anneau de la longue chaîne que des marins portugais tendirent autour de la côte d'Afrique, et dont le dernier, scellé d'or, se rattachait au paradis de l' Inde.»

Schaefer, *Histoire,* pag. 405.

[10] ..... mares ainda virgens de quilhas e sondas.

Parece hoje cousa averiguada que os antigos navegadores não dobraram o cabo da Boa Esperança, ou, se o dobraram, de tal modo se perdeu a memoria exacta d'esse facto que aos portuguezes pertence esse commetimento.

A doutrina do Periplo de Hannon, modernamente criticada, apenas admitte uma navegação ao longo da costa occidental d'Africa além da columnas de Hercules até ao *cabo de Não,* ou, quando muito, até ao Cabo Lopo.

A viagem de Sataspes só poderia ter chegado á Libya, e a de Polybio ao principio do monte Atlas Maior.

A grande frota de Salomão, que lhe trazia muito ouro e pedras preciosas da região d'Ophir, partindo esquipada por marinheiros Tyrios do porto de *Asiongaber* no mar Rôxo, se circumnavegasse a Africa viria entrar o Estreito e fundear em qualquer porto do Mediterraneo. Mas, como isto não consta, nem se sabe ainda hoje ao certo o logar da decantada região d'Ophir, e porque mares navegava a frota que a Salomão trazia tantas riquezas, segue-se que não podemos admittir a circumnavegação d'Africa feita 'naquelles tempos.

Com os Periplos de Meneláo, Magão, Necho e Eudoxo dão-se tambem incertezas e duvidas grandes. O mesmo acontece com os demais. Assim, cremos justificadas em parte as palavras com que termina o quadro da *Conquista de Ceuta.*

Leia-se a *Memoria* de Antonio Ribeiro dos Santos no tomo 8.º das de *Litteratura da Academia,* pag. 327 e seg.

VENDE-SE POR 200 RÉIS

Escriptos do mesmo auctor, á venda na loja do sr. Ferreira em Lisboa, rua do Ouro:

Estudos da lingoa portugueza........................ 350

O Manuelinho d'Evora (romance historico)............ 500

Um duello nas sombras (romance historico)............ 500

Esboços chronologico-biographicos dos Arcebispos da egreja de Evora.................................... 200

Memoria historica sobre a fundação da sé de Evora e suas antiguidades.................................. 160

Miscellanea historico-romantica...................... 250

Historia de Portugal (em mappas).................... 160

NO PRELO:

A Batalha de Alfarrobeira (II quadro historico).

Os Jesuitas na côrte (romance historico).

Cancioneiro Portuguez, 2.ª edição.